



Glauco Mattoso em o Manual do Podólatra: a identidade estética do autor-narrador-personagem

Wilton Barroso Filho

Universidade de Brasília

wbf@unb.br

Ana Paula Aparecida Caixeta

Universidade de Brasília

caixetaanapaula@yahoo.com.br

RESUMO

Este artigo tem como objeto de estudo o processo identitário construído pelo escritor Glauco Mattoso em o Manual do podólatra amador: aventuras & leituras de um tarado por pés – narrativa importante dentro do conjunto de sua obra, publicada em duas edições, 1986 e 2006. Com nuances perceptíveis, Mattoso reedita sua “autobiografia” vinte anos depois, sem interferir na característica de uma narrativa desconcertante e confessional, mas alterando aspectos críveis, configurando-se, assim, como um texto de escrita autoficcional. Com reflexões a partir do olhar da Epistemologia do Romance, buscou-se, neste trabalho, compreender os elementos estéticos que levam à criação identitária do sujeito-autor, cujo gesto inicial está na estetização da figura do “eu”, contribuindo para a ficcionalização de si, dentro e fora do espaço literário.

Palavras-chave: **Identitário; Glauco Mattoso; Estetização, Ficcionalização.**

ABSTRACT

This article studies the identity process constructed by the writer Glauco Mattoso



in Manual of the Amateur Foot Fetishist: Adventures & Readings of a Foot Fetishist – an important narrative within his body of work published in two editions, 1986 and 2006. With noticeable nuances, Mattoso republishes his “autobiography” twenty years later without interfering with the characteristic of a disconcerting and confessional narrative but altering credible aspects, thus transforming it into an auto-fictional text. In accordance with reflections from the perspective of the Epistemology of the Novel, this work seeks to understand the aesthetic elements that lead to the identity creation of the subject-author, whose initial gesture lies in the aesthetics of the “I” figure, contributing therefore to its fictionalisation in and out the literary space.

Keywords: **Identity; Glauco Mattoso; Aesthetics, Fictionalisation.**

INTRODUÇÃO

O desafio de falar em identidade, enquanto consciência e conhecimento de si faz-se presente desde reflexões filosóficas da Antiguidade, com Sócrates, Platão e Aristóteles, e fomenta, hoje, discursos das mais variadas áreas do conhecimento em Ciências Humanas. Na Idade Moderna, com destaque para as premissas reflexivas de Leibniz, entendia-se a identidade como forma lógica do sujeito, dicotômica e, por sua vez, calcada pela ideia de igualdade e de uma “verdade” sobre si. Mas o conceito de autoconsciência só alcança espaço cognoscível a partir daquilo que Michel Foucault chamará de conhecimento e cuidado de si (2010: 481) – momento em que há a transformação do sujeito para o ser-ator da própria vida, cuja compreensão de verdade unívoca é substituída por possibilidades finitas e dominada pelo sujeito iluminista. Ao voltarmos aos alemães, agora Immanuel Kant, deparamo-nos na consolidação desse novo sujeito, cuja compreensão, não só de si, mas de sua relação com o outro (objeto/mundo), ganha envergadura nas novas reflexões acerca do conhecimento, racional e sensível das coisas. Dito isso, é neste momento que a arte passa a desempenhar um papel interessante diante daquele que a contempla: o papel de elemento subordinado à reflexão de seu contemplador. O sujeito ganha protagonismo e desloca para si a função transformadora oriunda



da relação entre este e aquilo que está diante dele. Compreendido que é na Idade Moderna que se alcançam as possibilidades do trabalho e conhecimento de si, passa-se, então, a falar de identidade, o que permite novas condições para aquele que pensa, cria, age, altera e transforma. Diante desse cenário, a arte é, portanto, peça fundamental na transformação da condição do sujeito e da cultura de si. Ao ultrapassar noções de tempo e espaço e transitar pelas relações de sujeito vs. objeto, por aspectos da criação estética, têm-se possibilidades de compreender elementos oriundos da obra de arte, evocadores de um conhecimento para além do objeto. Sendo assim, a capacidade criadora é também uma oportunidade de se (re)criar a si mesmo, dentro ou fora do espaço da arte, pois é da competência humana lidar com saberes (história, contexto, cultura) oriundos daquilo que se compreende, fenomenologicamente, o que se é, enquanto ser, privado e social. Aberto o espaço entre a criação artística e a criação identitária, mediada pelo processo estético, a literatura é sintoma natural dessa denúncia, por emergir da criação narrativa e personificada de elementos construtores, bem como de figuras dotadas de história e memória. Nessa perspectiva, entendemos como interessante apontar o escritor brasileiro Glauco Mattoso como um explorador da figura de si, por meio da criação literária.

APRESENTANDO O AUTOR MALDITO

O escritor Glauco Mattoso¹, recorrentemente apresentado ao público como poeta maldito, devido à sua afirmação de “descendência literária” e influência poética, ligadas a escritores como Manuel du Bocage, Gregório de Matos e Marquês de Sade, é também reconhecido como o escritor cego e podólatra. Adjetivos em excesso acompanham a maioria das falas sobre ele, principalmente pela necessidade de aposto diante da grandeza e impactante escrita do seu universo confessional, estético e fescenino. Ter como objeto analítico qualquer texto de Mattoso é emaranhar-se em um espaço criativo pluralista, de linguagens, formas, estéticas e intertextos, em que o tecer do conjunto de sua obra ganha envergadura consistente no que tange ao processo de construção literária/artística. O olhar deste trabalho

¹ Em alguns momentos, o autor será chamado, aqui no texto, de GM. Tal qual, o livro *Manual do podólatra amador* poderá ser referenciado apenas pela palavra *Manual*.



é assumidamente inacabado e de contexto. Por ser contextual, busca começar pela pessoa-escritor, a fim de se conhecer melhor o processo de uma escrita julgada como denunciadora da identidade daquele que escreve. Por isso, indagamos aqui: quem é Glauco Mattoso? Como a maioria dos estudos críticos sobre o escritor, falar de sua personalidade é um fato também acadêmico. Mattoso é cego e a cegueira é mote de sua poética. O nome declara sua escolha simbólica, referente ao sujeito portador de glaucoma. É o autor um confesso literário de suas taras sexuais, que embasacam o leitor, desnudo diante do discurso livre sobre questões do não-dito. Mattoso é um escritor de vasta obra. É um transeunte por inúmeras possibilidades criativas diante das palavras, das imagens, da rima, da métrica. É também dominador: de espaço, de formalismo, de estrutura e etimologias. Defendeu, nos últimos anos, a divisão da sua obra em duas fases: visual e cega. Embora isso seja denúncia primária de um de seus heterônimos, Pedro Ulysses Campos², a divisão marca simbolicamente as etapas cruciais da vida do autor, expressadas sensível e, ao mesmo tempo, cruamente, pelos trajetos da sua criação literária. Levando em consideração a divisão mencionada, é possível pensar o conjunto de obra do autor como possuidora de uma linha epistemológica que perpassa o transcurso de publicações. Essa linha, construída por alguns elementos estéticos centrais, em especial, a podolatria, faz-se presente desde os primeiros poemas visuais aos últimos sonetos e glosas publicadas e traz o desejo por pés masculinos como um dos elementos-chave, neutralizador das angústias dicotômicas entre visão vs. cegueira. Ao olharmos pelo viés estético da Epistemologia do Romance³, podemos compreender a podolatria de Mattoso como parte do seu projeto estético⁴, pois consolida a figura central de suas narrativas, enquanto sustentação caracterizadora do sujeito que confessa fatos da sua vida “privada”. Por ter passe livre em todas

² Heterônimo criador por Glauco Mattoso, para dar conta da crítica de sua obra. Informações disponíveis no texto escrito por Susana Souto Silva *in* <http://www.olhodagua.ibilce.unesp.br/index.php/Olhodagua/article/view/50/61>.

³ A proposta de análise pela abordagem da Epistemologia do Romance pensa o texto literário por um viés que contempla olhar o conjunto de obra do autor por três pilares históricos: o epistemológico, o estético e o hermenêutico. Neste texto, afina-se o olhar para elementos da estética, especialmente.

⁴ As discussões sobre a podolatria enquanto um elemento-chave da obra de Mattoso estão presentes na dissertação de Mestrado *A estética do pé sujo: estudo da obra Manual do podólata amador*, de Glauco Mattoso, defendida por Ana Paula Aparecida Caixeta, na Universidade de Brasília, em janeiro de 2013, *in* <http://repositorio.unb.br/handle/10482/13837>.



as temáticas complexas e politicamente incorretas dos textos glaucomattosianos, temos, então, um ponto único, que traz as angústias do sujeito cego e escritor, narradas pelas linhas em prosa e poesia, daquele que, acima de tudo, deseja. Ao entrar no contexto de desejo por pés, fomentado pelo escritor, centralizamos as indagações do olhar para aquilo que forma a literatura enquanto elemento concreto da criação artística por meio das palavras: a estética. A escolha em transpor um desejo para além das questões pessoais é eficaz na representação literária, também por ser escolha e pressupor uma racionalidade. Isso é colocado articuladamente no texto como elemento criador, dialogado e expositivo das ideias do sujeito que cria. Neste caso, a podolatria é, em Mattoso, um elemento estético, pois é na literatura que esse desejo se realiza, por meio das palavras, das ilustrações, dos significados e, também, do leitor.

O MANUAL DO PODÓLATRA AMADOR COMO UM GUIA QUE DESGUIA

O livro *Manual* do podólata amador, curiosamente conhecido como sua autobiografia, é uma das primeiras publicações de Mattoso, retomada e reeditada 20 anos depois, com alterações significativas – desmentindo histórias narradas na primeira edição –, mas sem perder as envergaduras propositais de um guia que desguia. Por ser sugestivamente compreendida como texto autobiográfico⁵, cujas taras são narradas sem pudor algum, nasce, pelo olhar analítico aqui empreendido, a compreensão da podolatria como uma escolha estética, cujo alicerce principal do conjunto de obra está construído nas peripécias de Glauco: autor-narrador personagem. O título do livro é a primeira ironia da narrativa. Mattoso, como um lexicógrafo⁶, com seu domínio de palavras e necessidade de conceitualização etimológica, brinca com os significados, transgredindo significantes. A escolha da palavra “manual” para intitular a obra induz o leitor a, pelo menos, duas possibilidades de interpretação: a primeira, de se estar lendo um passo a passo erótico, tendo em vista a imagem de capa e o termo “pedolatria” (1ª edição),

⁵ Esta obra de Mattoso é, por muitos, entendida como autobiografia. Contudo, temos ciência e agimos com cuidado sobre as divergências entre autobiografia (enquanto gênero), elementos autobiográficos (enquanto vestígios) e autoficcionalização (enquanto ação de criação de elementos autobiográficos).

⁶ Mattoso escreveu o dicionário de palavras bilingue: *Dicionário de Palavras e correlatos – Inglês/Português, Português/Inglês* (2005), além do *Dicionário Orthographico Phonético/Etymologico*.



seguida das informações contidas no verso da capa, que contribuem para uma noção de orientação. Uma segunda possibilidade seria a história de quem viveu esse passo a passo, obtendo êxito, e está apto a “ensinar”, já que a experiência narrada pressupõe domínio de conhecimento daquele que comanda. Mas o teor do conteúdo da narrativa não é tão didático assim e, por uma perspectiva de intencionalidade apresenta condições que enganam o leitor quanto à recepção de um texto que antecipa, já no título, uma veracidade dos fatos como forma de ensinamento. O que reforça essa condição de contrato inicial com a leitura são as perguntas elencadas no verso da capa da primeira edição:

Como se masturbar sem usar a mão?
Como gozar usando o pé?
Como usar por igual a boca e o nariz?
Como vencer o nojo e a vergonha do lado sujo do sexto ?
Como começar aos cinco anos?
Como passar de “doente” a “terapeuta”?
Como continuar transando numa boa sem risco de AIDS?
(Mattoso, 1986, verso da capa)

O que mais chama atenção na capa é a forma como o título convida o leitor a uma leitura erótica, talvez divergente do que se propõe a própria narrativa, em que a tortura e a violência sexual, a sexualidade, o sexo na infância e a dor da cegueira compõem as ações narradas e dialogadas por aquele que é autor-narrador-personagem e desconstrói o título sugestivamente didático, atraente e até desprezioso. A tríade, construída entre o sujeito que escreve, que vivencia a história e a narra, fomenta uma identidade de escrita interessante, pois corrobora para uma relação entre realidade e ficção mais diletante, tanto do ponto de vista daquele que cria, como daquele que lê. A primeira edição traz o prefácio de Leo

7 (1930-2007) jornalista e crítico literário, doutorou-se em literatura na Alemanha, onde também foi professor de Literatura Brasileira. Foi crítico literário e teatral; colaborou com diversos veículos da imprensa nacional e internacional.

8 (1949-1992) poeta argentino, foi arqueólogo e considerado um anarquista. Na Argentina, foi um grande militante pelos direitos dos homossexuais. Veio para o Brasil em 1982.

9 Uma das principais obras de Glauco Mattoso, datilografada e fotocopiada, cujo conteúdo é composto por elementos parodísticos e pastiches da literatura, do jornalismo e da arte, de modo geral, com uma estética consistente na relação palavra-imagem. Possui duas edições fac-similares: 1981 e 2001.



Gilson Ribeiro⁷ e um posfácio de Néstor Perlongher⁸. Começando pelo prefácio, Ribeiro apresenta Mattoso a partir do seu marco literário, o *Jornal Dobrabil*⁹, bem como a relação do poeta com desenhistas humoristas, como Millôr, Jaguar e Lessa. O prefácio coloca o *Manual* como integrante de uma seleta literatura erótica, que vai de Jean Genet a Dalton Trevisan. Na segunda página do posfácio, Ribeiro chama o texto de autobiografia intertextual, complementando o que já constava no verso da capa:

“Este *Manual do pedólatra amador* (...) costura grande parte da autobiografia de Glauco Mattoso com trechos de obras célebres da *littérature cochone* de vários autores” (Ribeiro *in* Mattoso, 1986: 6).

No verso da capa da segunda edição, há trechos de divulgação do livro na época de lançamento, 1986, publicados no *Jornal do Brasil*, na revista gaúcha *Cobra* e no jornal *O Globo*, credibilizando¹⁰, de alguma forma, o espaço social/literário ocupado pelo texto. Embora as edições sejam reforçadas com prefácios e comentários de especialistas, o *Manual* não foi bem recebido na época da primeira edição. O livro teve uma recepção polêmica e foi comentado com asco por muitos, como Hebe Camargo em seu programa¹¹. A obra foi interpretada como “nojenta” e de “mau gosto” enquanto fomentadora da ideia de um manual para ser lido e “praticado”. O relançamento do livro 20 anos depois trouxe algumas diferenças da primeira edição. Mattoso, além de alterar o nome “pedólatra” para “podólatra”, justificando lexicograficamente a escolha, também adiciona um capítulo, com considerações após a cegueira – já que a primeira edição é do período em que Mattoso ainda enxergava. Fora essas diferenças pontuais, há também alterações cruciais de alguns trechos e/ou frases acrescentadas em meio à narrativa, corroborando para o que identificaremos, mais a frente, como uma

¹⁰ Usaremos aqui o verbo *credibilizar* e suas flexões, bem como o adjetivo “crível”, de forma a sustentar a ideia de “verdade extra-literária”, para além da verossimilhança: quando a ficção extrapola o espaço narrativo e se consolida através de elementos que estão fora do texto, envolvidos com o sujeito autor e o mundo do qual faz parte. Esta discussão está presente na tese de doutorado *Glauco Mattoso, O Antiktisch* (2016), *in* <http://repositorio.unb.br/handle/10482/22767>.

¹¹ Informações disponíveis no portal *Cronópios*, do qual Mattoso é também colaborador, *in* <http://cronopios.com.br/site/lancamentos.asp?id=1400>.



possibilidade de autoficção – o que, para nós, é um recurso identitário interessante enquanto construção da figura pública do sujeito autor. O primeiro livro (1986) está organizado em cinco partes, mais um prefácio e um posfácio. Já o segundo (2006) contém seis partes mais uma nota do organizador da coleção, o escritor e psicanalista Sérgio Telles, e uma apresentação feita a partir de fragmentos escritos pelo pesquisador David Willian Foster. Os capítulos comuns às duas edições são: **“Dos significados insignificantes”**, em que o autor define o termo pedolatria (1986) e, posteriormente, fala da alteração para podolatria (2006); **“Dos objetos abjetos”**, em que a definição e solidificação do fetiche são elementos formadores; **“Dos cheiros chulos”**, parte cujo odor é central na trama; **“Dos versos perversos aos palavrões-de-ordem”**, momento em que Glauco narra sua inserção no espaço literário; **“Das cartas curtas às solas grossas”**, em que o autor cria a “massagem linguopedal”, divulgada por meio de panfletos. A sexta parte, **“Do pré-pé ao pós-pó”**, contida apenas na segunda edição, é o momento em que o autor revisita a obra e a descreve sob uma perspectiva após a cegueira. Em geral, o texto pode ser resumido como as aventuras de Glauco, da infância à fase adulta, da visão à cegueira, da humilhação ao gozo, do leitor ao escritor. Na busca pela espiritualização do sensível – usando aqui a perspectiva hegeliana de criação na arte –, Mattoso humaniza sua ideia de humilhação e degradação por meio de uma estética particular. Como necessidade de captação do mundo pelo paradoxo da realidade com a natureza espiritual e pelo impulso de satisfazer necessidades de reconhecimento de si próprio por meio da atividade artística, essa estética permite ao escritor humanizar as coisas, pois dá forma àquilo que recebeu do exterior de si – das suas experiências subjetivas. Glauco (nascido, no livro, Glauco e não Pedro)¹² conta, em primeira pessoa, a trajetória da sua vida de maneira cronológica, permeada por situações sexuais que o definem como fetichista-masquista. A narrativa é intercalada por textos com citações diretas e indiretas, caracterizando o livro com elementos de uma escrita acadêmica, em que fragmentos são trazidos, comentados e dialogados, sustentando as escolhas e peripécias do narrador e formulando um texto numa espécie de tese podólatra – cujas reflexões são aprofundadas a partir da presença do

12 É importante adiantar aqui nossa defesa de que Glauco Mattoso é um heterônimo criado por Pedro José Ferreira da Silva, que autoescarneia a própria condição de cego e se apropria do nome de seu acometimento como forma de apresentação pessoal.



autor enquanto sujeito que pensa, filosoficamente, sua condição de cego e feticlista. Enquanto um texto que, no introito, se propõe “autobiográfico”, as personagens trazidas na narrativa entrelaçam-se no imaginário do leitor como uma pessoa real, fora do contexto literário. É o caso de Sylvia¹³, por exemplo. Por ser significativa na trama, a credibilidade de sua existência é efetiva e amarra o leitor na busca por sua existência externa à ficção. Outras personagens trazidas dão força e forma às fantasias recontadas por Glauco Mattoso, servindo ao que ele chama de inspiração masturbatória e possibilidade literária. A relação da memória com episódios sexuais está intrínseca à figura construída do autor como persona literária. Outra característica crucial do livro é que todas as reminiscências narradas são, ao final, reforçadas por momentos de solidão do autor-narrador-personagem, porém, lembradas com prazer. Isso solidifica o desejo por ele sustentado, dentro e fora da narrativa, formulando fragmentos de sofrimento e dor com regozijo e abjeção. As características etimológicas que iniciam cada capítulo podem ser lidas como uma forma de cientificar as escolhas de Glauco e reforçar a exploração direta entre o que é humano e o que permite o prazer humano. É também uma denúncia paródica ao cientificismo da época, cujas ideias necessitavam estar bem justificadas e legitimadas, dentro de um contexto reconhecidamente maniqueísta, o que reforçará o texto. Notoriamente descrito, o processo de leitura foi o gatilho para o autor. No *Manual*, referenciais literários são trazidos, desde revistas em quadrinhos a textos em língua inglesa, sobre o universo sadomasoquista e *underground* da época. Também se observa a referência a filmes, biografias e autobiografias, livros psicanalíticos e à *Bíblia*, que dão forma ao intertexto criado pelo escritor. Inúmeros são os contextos artísticos que solidificam a representação imagética da figura do pé na vida do autor-narrador-personagem. De todas elas, a que mais configura esse gosto e inúmeras vezes foi reforçada em entrevistas é uma cena do filme *Laranja Mecânica*, de Stanley Kubrick (1928-1999). Para Glauco, o trecho mais marcante e referencial ao seu gosto é a do protagonista Alex, quando é pisado e submetido a lambar as botas de um algoz (Mattoso, 2006: 19). Nota-se que as identificações dos elementos narrados com informações intertextuais, históricas e concretas fora da

13 Por e-mail, Mattoso informou-nos ser ela um personagem ficcional, construção personificada de várias pessoas com descendência japonesa, que passaram pela vida do autor, fora da literatura.



narrativa reforçam, no processo de leitura do texto, a compreensão de que o que está contado é um dado verdadeiro acerca da identidade do escritor, pois pressupõem escolhas pessoais. Não só *Laranja Mecânica*, mas outras imagens cinematográficas estão presentes em vários trechos do *Manual*, sequenciando os fatos e se fixando na mente daquele que em breve se tornaria cego. Escrito enquanto Glauco Mattoso ainda enxergava, o *Manual* é tecido pelas lembranças do que o autor leu e do que viveu (ou imaginou ter vivido). Glauco chama sua memória de “memória de cego”, em que muitas outras recordações, vivas e coloridas, se sobrepõem cumulativamente em sua memória. (Mattoso, 2006: 19). Essas lembranças permitem ao autor, por uma construção estética, converter o que é moralmente julgado como mal em bem, indo ao encontro do que Hegel vai chamar de “remissão e distensão do espírito”, cuja arte é mediadora e anuladora desses valores e conceitos *a priori*, desligando-se da obrigação com a verdadeira representação (Hegel, 2001: 29). Nas narrativas, o autor-narrador-personagem com glaucoma é natural de uma família pobre, nascido e criado em São Paulo, de maneira cuidadosa devido à deficiência visual.¹⁴ Glauco relembra sua infância e as descobertas sexuais a partir do contato com o “Inimiguinho” – amigo descrito na estória como seu iniciador sexual, aos cinco anos de idade. Ironicamente, o livro desconstrói a imagem da infância como lugar de pureza e inocência, rompendo com as descrições comuns da beleza e perfeição da infância, retratadas com frequência em textos românticos. A infância também é revelada, no texto, como espaço de humilhação e tortura, a partir da prática do *bullying* – “calejado pelas curras da infância, e desta vez os limites do nojo estavam laseados mais que o suficiente...” (Mattoso, 2006: 80). Não só essa situação desconstrói o universo do romance romântico, como também o espaço da paixão, da sexualidade e do sexo são ressignificados por Glauco Mattoso a partir de associações com gêneros e guetos, escolhas e gostos, transgressão e reafirmação identitária. Traçar o percurso do narrador como fetichista por pés masculinos e que assume o gosto pela humilhação é também uma forma de expor necessidades da condição humana, bem como a aparente solidão do autor-narrador-personagem, enquanto alguém

¹⁴ Características em comum com o sujeito “real”, o autor Glauco Mattoso, o narrador (Glauco) e personagem (Glauco). Isso pressupõe o contrato de homonímia, firmado no âmbito da criação autoficcional, pressuposta por Serge Doubrovsky, em seu livro *Fils* (1977).



que possui um gosto que julga diferente do da maioria. Um gosto fortemente associado ao acometimento da cegueira. É do Humano refletir a própria dor e desgraça. No *Manual*, Glauco Mattoso faz do autoescárnio um condicionante sério para a narrativa, cujo objetivo principal é distender a dor e o sofrimento causados pela sua condição de cego. Do ponto de vista estético, essa escolha promove o texto do autor ao paradoxo de valores por meio de uma ironia fina, contrariando ideias de escolhas e comportamento, cobrados socialmente e culturalmente. A narrativa não permite um riso dilacerado, debochado, mas uma reflexão pela ironia ali contida, contrapondo o senso comum, tanto da recepção do texto literário como do gosto. O escárnio em Mattoso, como uma arma contemporânea de linguagem, é denunciador da conversão da desgraça individual em prazer pessoal. Está ligado à zombaria, ao ridículo, à sátira explicitamente crua. Glauco Mattoso se autoescarnece o tempo todo, anulando os intempéries da condição da cegueira, de modo a provocar, denunciar e se fortalecer esteticamente enquanto *persona* literária. Para o autor-narrador-personagem, esse processo reverberado pela linguagem ficcional é a forma de destituir um estado moral externo à obra, bem como de curar suas feridas, a partir da escolha literária de um texto autoescarnecedor. Para Hegel, essa satisfação infinita do sujeito em sua representação por meio de elementos do humor permite ao artista a experiência de se sentir elevado pela própria contradição, justamente por anular o conflito da desgraça pessoal (Hegel in Suassuna, 2009: 92-93). Por ser transgressora, a cena que traz a relação entre o prazer da brincadeira infantil com a sujeira e degradação rompe com questões do invólucro imaginário do leitor quanto à figura da criança e é escolhida para representar, por toda a narrativa, a podolatria de Glauco.

Com os pés, então, foi uma festa. Descobri que a mesma parte do corpo, que ele usava pra me chutar a canela quando brigávamos, podia servir pra eu pôr a boca; (...) a parte que ele passava no pano de chão antes de entrar na sala encerada, servia pra passar na minha língua. Aquilo era fabuloso, porque parecia tão absurdo... e ao mesmo tempo não exigia tanto sacrifício. (...) Era a liberdade de experimentar aquilo que ninguém aprovaria. De provar o gosto do mijo, o



cheiro do cu, o calor do hálito. (Mattoso, 1986: 17).

Para o autor-narrador-personagem, recapitular o que ele chama de “ritual de iniciação” é também uma forma de se indagar: “será que tudo aconteceu e foi como contei?” (2006: 24). Os limites entre realidade e ficção se tornam nebulosos, principalmente neste trecho presente na segunda edição, em que Mattoso afirma a imprecisão dos relatos narrados na primeira versão:

Os limites entre a realidade e a fantasia são imprecisos em qualquer tipo de memorialismo, e este livro não foge à regra. Nos sonetos que compus, já cego e quase cinquentão, acho que consigo capturar com maior fidelidade fatos escamoteados ou camuflados no texto original redigido nos anos 80, mas mesmo assim há que se ressaltar o lembrete passado num deles, o “Cético”:
Não creia em tudo aquilo que está lendo. (Mattoso, 2006: 24 – destaque nosso).

Essas imprecisões memorialísticas são também possibilidades imagéticas construídas pela figura do cego, na narrativa, em que traz à tona acontecimentos marcantes por meio de elementos visuais precisos, como o pé no rosto. Essa imagem vai se tornar, por todo o texto, insistente e manipuladora da personalidade de Glauco, cujas vontades sempre se voltarão à experiência vivida na infância e reinterpretada/associada a cada rememoração. Mattoso discorre sobre a memória como algo que, ao passo que engana e sempre é lembrada com imagens novas, também pode ser fixa e ficar “cravada”, impossibilitando distorções e omissões (2006: 24). De forma a costurar a temática que permeia todo o texto, a podolatria é reverberada, também, pela tortura, possibilitando um referencial ainda maior quanto à temática fetichista, dialogada e representada, muitas vezes, por textos pós-ditatoriais.

Transar o pé de alguém sugere a sujeição à cabeça dessa pessoa, moral e psicologicamente falando: o exercício de seu poder, a imposição de sua vontade, o domínio sobre o outro. Mas também sugere a sujeição



ao seu corpo todo, no próprio sentido dos sentidos: a extremidade inferior representaria justamente o começo, as preliminares daquilo que vai se completar no momento e no local do orgasmo. Além disso, o ato de transar o pé extrapola as relações pessoais pra sugerir sujeição a instituições mitificadas, como a autoridade militar, a hegemonia política, a ascendência social ou a superioridade racial. (Mattoso, 2006: 62).

O tema tortura é visto no romance como espetáculo, onde autor-narrador-personagem faz o papel de *voyeur* para remontar na memória suas lembranças masoquistas do rosto pisado e do indivíduo quase cego, que é humilhado a todo instante, mas que deseja a humilhação. As referências aos presos políticos durante o AI-5 e a prática da tortura durante o Regime são múltiplas e inquietantes, variando em descrição nas duas publicações. Glauco incomoda mais ainda por narrá-las de maneira irônica, buscando das cenas retratadas construções de imagens prazerosas. O livro, embora já escrito em período de abertura política, é denunciador, pois, como proposta intertextual, transita por inúmeras emergências dialógicas no contexto da escrita ditatorial. Mais do que isso, reforça a escrita memorialística e identitária, amplamente exploradas na literatura contemporânea brasileira do final do século XX. A sujeira, o suor e demais secreções do corpo são descritas, em diversos episódios, como representação da submissão de um em detrimento ao desejo do outro, insistindo no carácter desumanista enquanto recurso estético: “Lambi até que o gostinho do chulé se confundisse com o sabor da própria saliva” (Mattoso, 2006: 180). É também uma escolha para ironizar as formas de contágio de doenças sexualmente transmissíveis (*vide* a releitura da *Glaucomix*)¹⁵, pois, pelo pé, Mattoso estaria livre delas, destituindo, também, o rótulo de “praga gay”, dado ao vírus HIV na década de 1980, e comentada pela narrativa. As descrições sobre seu fetiche e a defesa dele, bem como o desejo pelo odor do chulé são, não só uma escolha, mas, no texto, uma legitimação dessa escolha, reforçada pelo intertexto. Na obra, ao assumir uma diferença, bem como assumir desejos sexuais de maneira explícita, principalmente no terreno da homossexualidade, Mattoso rompe com as

¹⁵ Releitura do *Manual do podólatra amador* em formato de HQ, elaborada por Mattoso e o quadrinista Marcatti.



representações legitimadas de grupos sociais e com questões identitárias, morais e éticas, construídas fora do espaço literário. Mais do que isso, também desestabiliza o verossímil e poético da escrita, já que desfaz as fronteiras dos gêneros textuais e da relação entre ficção e realidade. Ao praticar a ação de lamber pés sujos, calçados ou não, Glauco assume uma comunhão entre o prazer por meio da subserviência e dá, no livro, um conceito de liberdade próprio da narrativa, em que a escravidão, por oposição, é convertida em liberdade, justamente por se escolher ser escravo do prazer ao ser escravo do outro. Tornando-se uma escolha, é livre por natureza, haja vista que, previamente, passou pelo crivo daquele que a optou. Ao finalizar o *Manual*, especificamente a segunda edição, o autor-narrador-personagem brinca com suas interferências, metatexto, gostos e referências literárias, e retoma o fetiche como um fator libertário do indivíduo que assume seu gosto e prazer. A experiência pós-cegueira reforça o fetiche por pés, numa miscigenação entre palavra e vivência, memória e literatura, em que a ambiguidade da infância é reconstruída por fragmentos visuais. A desgraça pessoal, convertida e autoescarneçada em um processo lúdico do prazer, mantém a instância literária de Glauco Mattoso viva, dentro e fora da literatura. Contribuindo para que a relação de efeito entre leitor e obra seja intencionada pela premissa de característica autobiográfica, o texto da segunda edição é encerrado com data: 29 de junho de 2001, aniversário de 50 anos de Pedro José Ferreira da Silva.

A PESSOALIDADE ENQUANTO MOVIMENTO DE PERSONIFICAÇÃO

Com esses esforços para uma leitura do *Manual* que leve a pensar que tipo de texto é esse e qual a sua intencionalidade enquanto obra “pseudodidática”, é possível notar o destaque dado à narrativa memorialística do autor-narrador-personagem, principalmente, ao publicar aquilo que assume ter vivido privadamente. Esse sujeito, que enfrenta para si questões de dentro e fora do texto, não é só Glauco Mattoso, pessoa pública, mas o é enquanto personagem, que estetiza a si, literariamente. Enquanto uma possibilidade de personificação, a figura de Glauco Mattoso, para além do nome do autor e de suas narrativas, evoca um desdobramento maior, que é estético, necessário para dar conta do teor das temáticas abordadas em seus textos.

16 Referência a um de seus poemas “autobiográficos”.



O nome Pedro José Ferreira da Silva, presente na identidade do sujeito privado por trás da figura de Glauco Mattoso fortalece aquilo que compreendemos ser um caso de heteronímia, pois se constitui como um processo de “outramento” na construção estética de um personagem de si mesmo, de uma identidade que assume escancaradamente questões pessoais e privadas em espaço público e artístico. O autor de *Manual do podólatra amador* não só traz a cegueira como um dos principais denunciadores da formação desse “eu-Mattoso”,¹⁶ como também insiste em uma estética confessional – identidade de escritor que não difere ficção de realidade em suas criações, sustentadas pelo privado e pelas experiências narradas. Ao pensar esse processo dicotômico entre ficção e realidade, Mattoso se apoia aos elementos que contribuem para a personificação da doença que o acometeu, recriando a si mesmo, por um humor cáustico e denunciador:

Em diversas culturas (não apenas as primitivas, como dizia Quintana) a figura do poeta se confundia com a do bobo da corte, mixto de palhaço, cantor e contador de aneddotas. Quando Sansão, já indefeso e cegado pelos philisteus, foi levado a exhibir-se nos festejos publicos, ficou explicito que deveria “brincar” para divertir a platéia. Ou seja: expor-se ao ridículo pela propria cegueira. Si a desgraça alheia pode ser um comico espectáculo, tambem pode inspirar orgasticas e orgiacas phantasias. (Mattoso, 2015).¹⁷

Escrever sobre si é colocar-se diante de objetos, tanto de lembrança como de construção, observação, fantasia e análise e representar isso por meio de uma linguagem é como uma ação de auto(re)conhecimento. A presença do eu na obra de Mattoso, conduzida por esses objetos de lembrança e de literatura, é um reforço identitário da *persona* por ele criada: o glaucomatoso, Glauco Mattoso. A autoficcionalização é compreendida como desdobramento de uma “autobiografia pós-moderna”, em que a figura do autor e a escrita de si não mais estão em busca de uma verdade extraliterária ou um registro de vida, mas busca por possibilidades,

17 in http://www.blocosonline.com.br/literatura/prosa/colunistas/glauco/gm14emdiante/gmephem_index.php.



por meio da escrita, de compreensão sobre questões em torno de si mesmo e do que esse “eu” representa no instante da feitura do texto.

Ao olhar a obra glaucomattosina, nota-se que a escrita de si busca por elementos que são reconstruídos pela memória. Levando em consideração que a construção literária é uma atividade artística da razão sensível, conforme propõe o próprio (2009), a criação por meio da escrita de si é um processo metuculoso, que visa um retorno consciente do eu sobre aquilo que se quer expressar artisticamente em torno de si mesmo. O retorno parte, também, da relação entre o eu e seu passado. No caso de Glauco Mattoso, um passado pessoal de cegueira e fetiche misturado ao passado literário daquilo que leu. Há, no *Manual*, a necessidade de Mattoso em retomar um fato ou acontecimento – principalmente pela reescritura dessas “memórias” –, imortalizando e reconstruindo na narrativa, percepções fixas de determinado momento. Esses momentos narrados, independentemente de sua veracidade quanto à “vida real” do autor, são definidores de uma identidade externa ao texto e eternizados por uma obra insistentemente representada pela figura do eu e articulada esteticamente como “autobiográfica”, por meio do convencimento personificado do autor-narrador-personagem. E isso é, sem dúvidas, uma escolha estética.

BIBLIOGRAFIA

Barthes, Roland, 2004, “A morte do autor”, in *O rumor da língua*, 2ª edição, São Paulo, Martins Fontes..

Caixeta, Ana Paula Aparecida, 2013, *A estética do pé sujo: Estudo da obra Manual do podôlatra amador, de Glauco Mattoso*, dissertação de Mestrado em Literatura sob a orientação de Wilton Barroso Filho, Universidade de Brasília.

Caixeta, Ana Paula Aparecida, 2016, *Glauco Mattoso: o Antikitsch*, tese de Doutorado em Literatura sob a orientação de Wilton Barroso Filho, Universidade de Brasília.

Candido, Antônio, 2012, *Formação da Literatura Brasileira – momentos decisivos*, Rio de Janeiro, Ouro sobre Azul.

Colonna, Vincent, 2004, *Autofiction & autres mythomanies littéraires*, Midi-Pyrénées, Éditions Tristram.

Doubrovsky, Serge, 1977, *Fils*, Paris, Folio/Éditions Galilée.

- Figueiredo, Eurídice, 2013, *Mulheres no espelho: autobiografia, ficção, autoficção*, Rio de Janeiro, EDUERJ.
- Foucault, Michel, 2013, *Estética: literatura e pintura, música e cinema*, trad. Inês Autran Dourado Barbosa, Rio de Janeiro, Forense Universitária.
- Foucault, Michel, 2010, *A Hermenêutica do sujeito*, trad. Márcio Alves da Fonseca, Salma Annus Muchail, São Paulo, Editora Martins Fontes.
- Genette, Gérard, 2006, *Palimpsestos: a literatura de segunda mão*, trad. Luciene Guimarães e Maria Antônia Ramos Coutinho, Belo Horizonte, Faculdade de Letras.
- Hegel, Georg Wilhelm Friedrich, 2001, *Cursos de Estética I*, trad. de Marco Aurélio Werle, 2ª edição, São Paulo, Editora Universidade de São Paulo.
- Iser, Wolfgang, 1996, *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*, trad. Johannes Kretschmer, São Paulo, Ed. 34.
- Koch, Ingedore G. Villaça; Bentes, Anna Christina; Cavalcante, Mônica Magalhães, 2008, *Intertextualidade – Diálogos Possíveis*, São Paulo, Cortez.
- Lejeune, Philippe, 2008, *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*, in Jovita M.G. Noronha (org.), trad. Jovita M.G. Noronha e Maria Inês C. Guedes, Belo Horizonte, UFMG.
- Mattoso, Glauco, 2001, *Jornal Dobrabil*, 2ª edição (fac-similar), São Paulo, Iluminuras.
- Mattoso, Glauco, 1986, *Manual do pedôlatra amador*, São Paulo, Editora Expressão.
- Mattoso, Glauco, 2006, *Manual do pedôlatra amador: aventuras & leituras de um tarado por pés*, São Paulo, All Books.
- Mattoso, Glauco e Marcatti, 1990, *As aventuras de Glaucomix, o pedôlatra*, São Paulo, Ed. Expressão.
- Ribeiro, Leo Gilson, 1986, “Prefácio”, in Mattoso, Glauco. *Manual do pedôlatra amador*, São Paulo, Editora Expressão, pp. 5-7.
- Silva, Susana Souto, 2010, “Crítica literária e heteronímia: Glauco Mattoso e Pedro Ulysses Campos,” *Olho d’água*, v. 2, nº 1, São José do Rio Preto, pp. 116-125.
- Suassuna, Ariano, 2009, *Iniciação à estética*, 10ª edição, Rio de Janeiro, José Olympio.